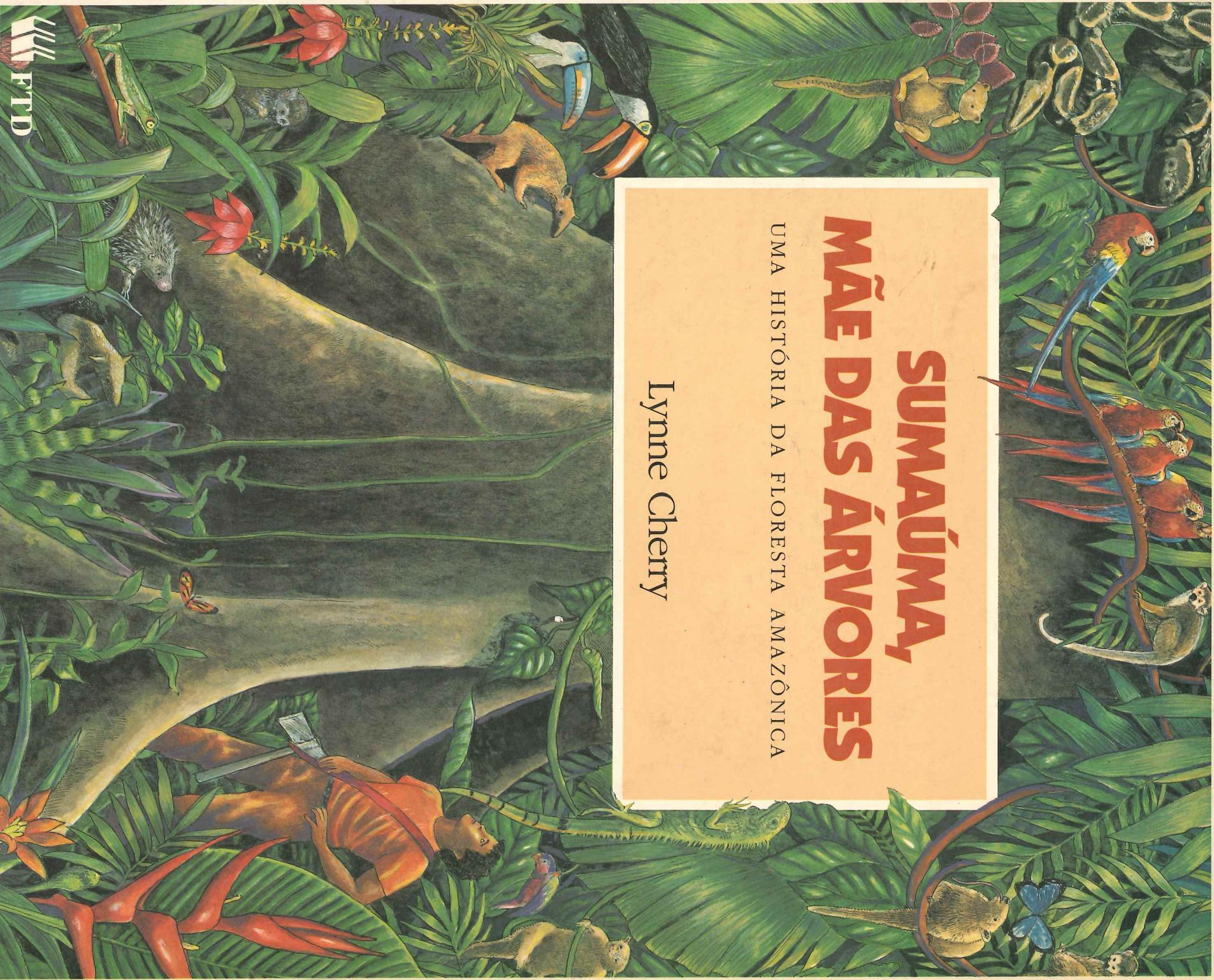


SUMAÚMA, MÃE DAS ÁRVORES

UMA HISTÓRIA DA FLORESTA AMAZÔNICA

Lynne Cherry



FTD

SUMAÚMA, MÃE DAS ÁRVORES

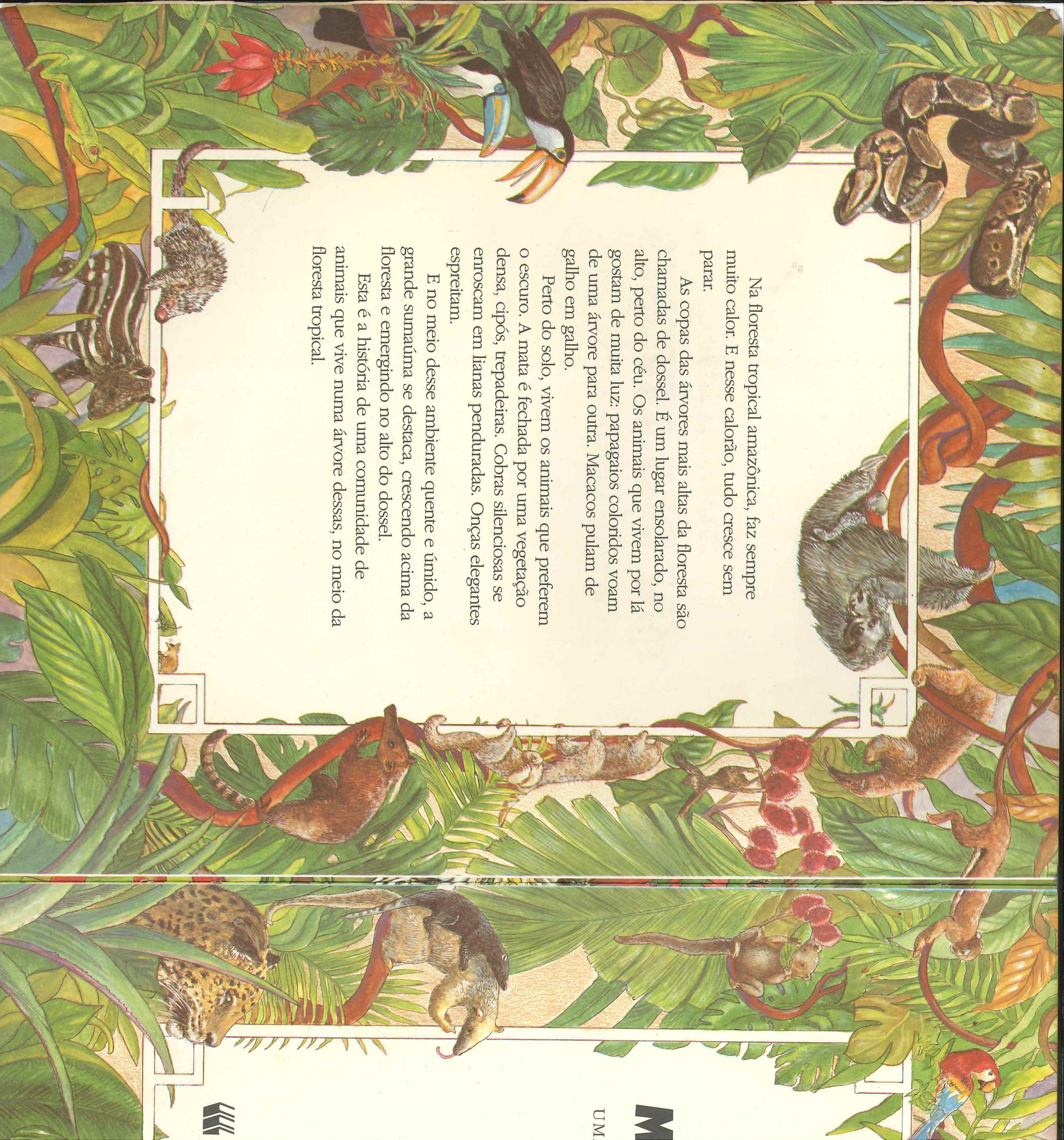
UMA HISTÓRIA DA FLORESTA AMAZÔNICA

INT 8.5
Oz 50
C 5011 P
2^a ed.
0 80 449









Na floresta tropical amazônica, faz sempre muito calor. E nesse calorão, tudo cresce sem parar.

As copas das árvores mais altas da floresta são chamadas de dossel. É um lugar ensolarado, no alto, perto do céu. Os animais que vivem por lá gostam de muita luz: papagaios coloridos voam de uma árvore para outra. Macacos pulam de galho em galho.

Perto do solo, vivem os animais que preferem o escuro. A mata é fechada por uma vegetação densa, cipós, trepadeiras. Cobras silenciosas se enroscam em lianas penduradas. Onças elegantes espreitam.

E no meio desse ambiente quente e úmido, a grande sumaúma se destaca, crescendo acima da floresta e emergindo no alto do dossel.

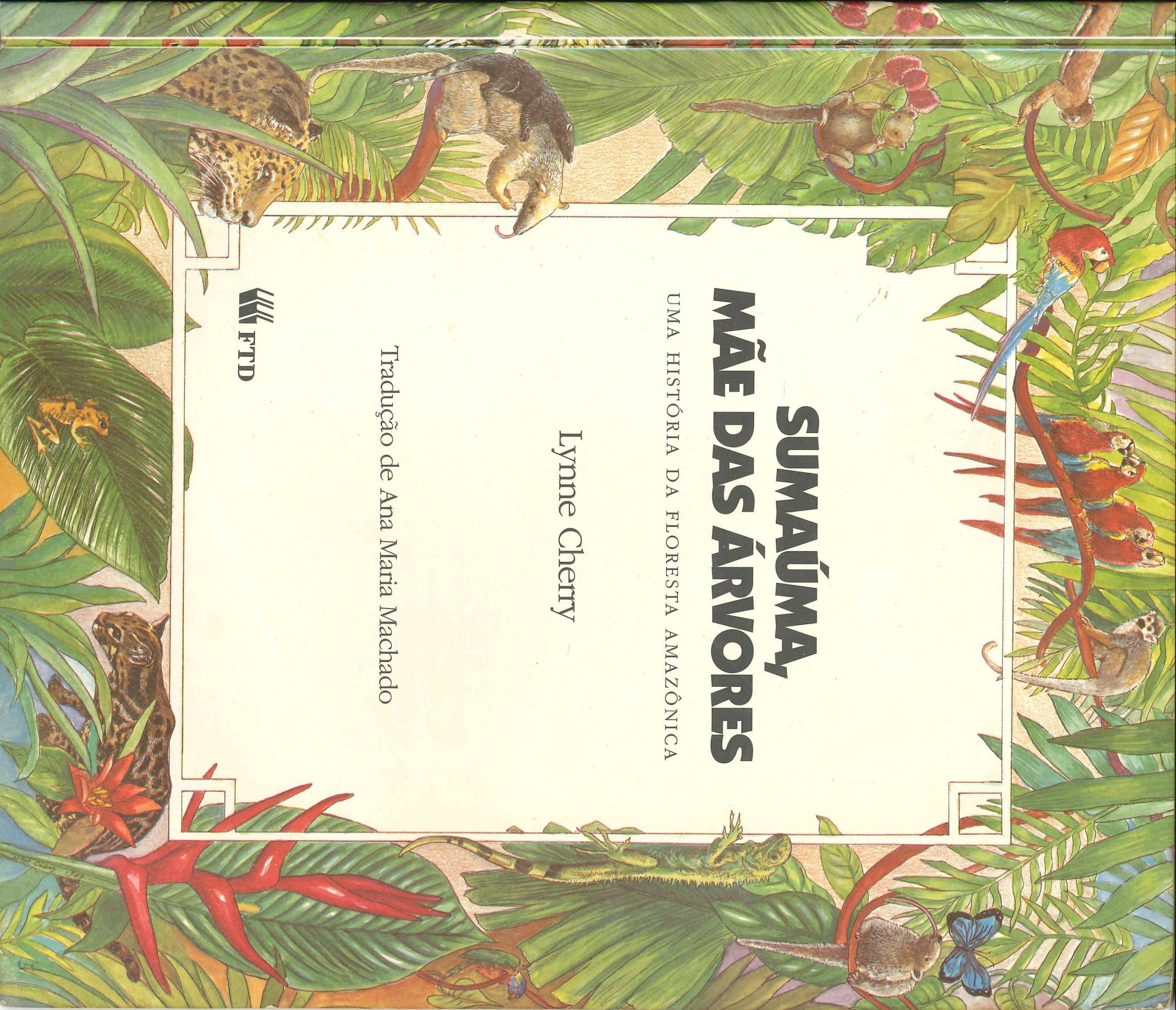
Esta é a história de uma comunidade de animais que vive numa árvore dessas, no meio da floresta tropical.

SUMAÚMA, MÃE DAS ÁRVORES

UMA HISTÓRIA DA FLORESTA AMAZÔNICA

Lynne Cherry

Tradução de Ana Maria Machado



Agradecço a meus amigos Irv e Bernice Kirk pela assistência editorial. Ao Fundo Mundial pela Vida Selvagem, em Washington, DC, e, principalmente, a Rob Bierregaard por dividir comigo seu escritório, suas fotos de referência e seus conhecimentos especializados. A Victor Bullen, e novamente a Rob, por proporcionarem minha viagem ao acampamento do Fundo na floresta amazônica, e a Carlos Miller, o brasileiro que posou como lenhador. A Brian Boom, curador assistente do jardim Botânico de Nova Iorque, por toda sua ajuda, sobretudo em Manaus. A Stephen Nash e Judy Stone, da SUNY, em Stony Brook. A Russ Mittermeyer, Mark Plotkin e Gary Hartshorn, do Fundo Mundial pela Vida Selvagem, e a Tom Lovejoy da Smithsonian Institution.

Um agradecimento muito especial a Eric Fersht por sua ajuda em cada etapa e, como sempre, ao meu pessoal, Herbert e Helen Cherry.

Copyright © Lynne Cherry, 1990
Published by arrangement with Brace Jovanovich, Inc.
Copyright da tradução © Ana Maria Machado, 1992

Todos os direitos de edição para o Brasil reservados à Editora FTD S.A.
Matriz Rua Rui Barbosa 156 (Bela Vista) São Paulo
CEP 01326-010 Telefone 283 5011
FAX (011) 288 0132

Editora

Ione Meloni Nassar

Editora Assistente

Maria Esther Nejm

Assistentes Editoriais

Mara Lafourcade Rayel

Produção

Joyce Regina Loyolla

Arte-montagem

César Landucci

Alceu Medeiros

Consultoria técnica para as espécies animais

Jáime Aparecido Bertoluci

*Este livro é dedicado à memória de
Chico Mendes,
que deu a vida para preservar
uma parte da floresta amazônica.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cherry, Lynne.
Sunatma, mãe das ávores : uma história da floresta amazônica / Lynne Cherry ; tradução de Ana Maria Machado. — 2. ed. — São Paulo : FTD, 1993.

ISBN 85-322-0695-6

1. Florestas - Amazônia - Literatura infanto-juvenil
2. Literatura infantil-juvenil I. Título. II. Título. Uma história da floresta amazônica.

93-0128

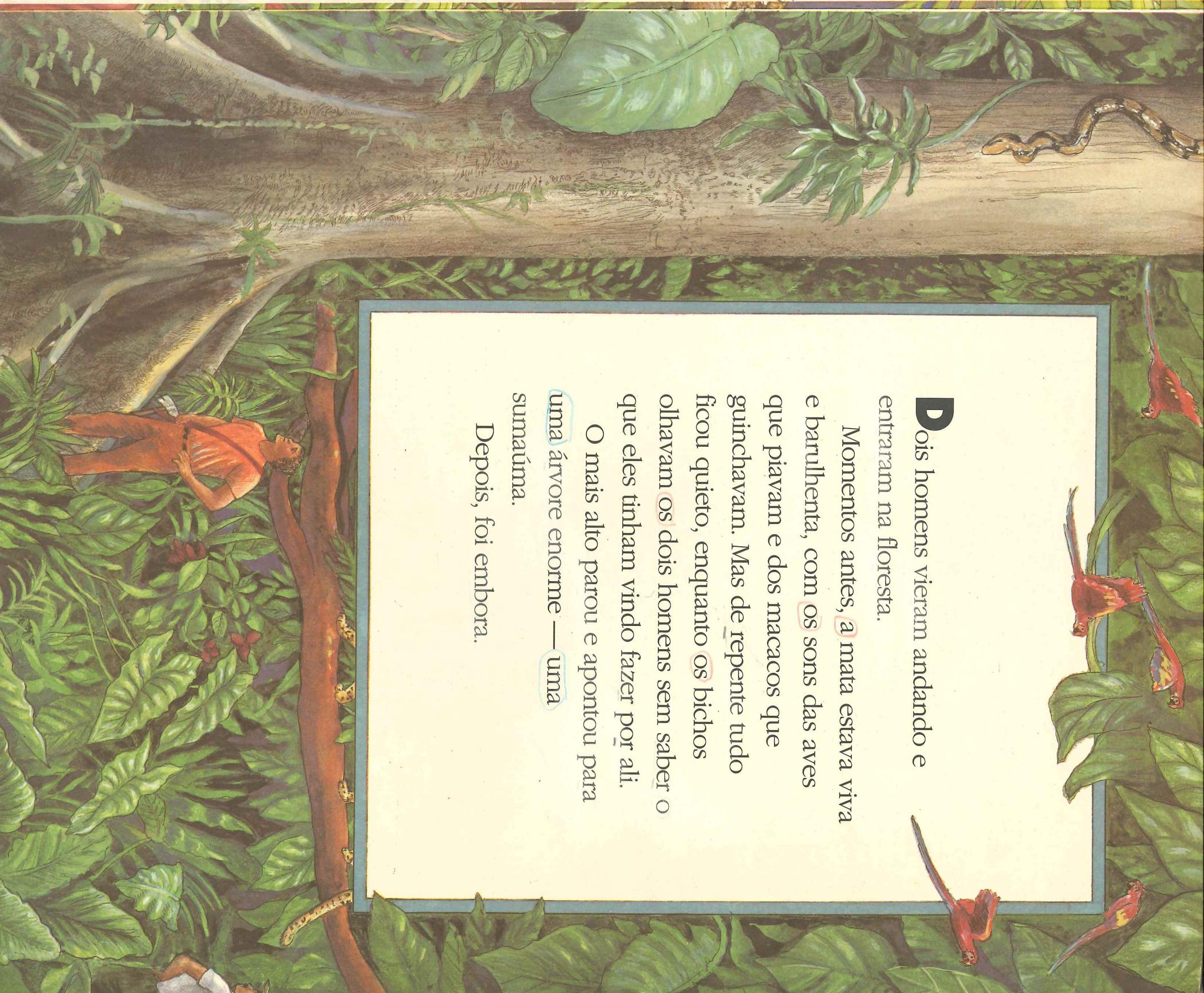
Índices para catálogo sistemático:

1. Floresta amazônica : Literatura infanto-juvenil 028.5

2. Literatura infanto-juvenil 028.5

CDD-028.5

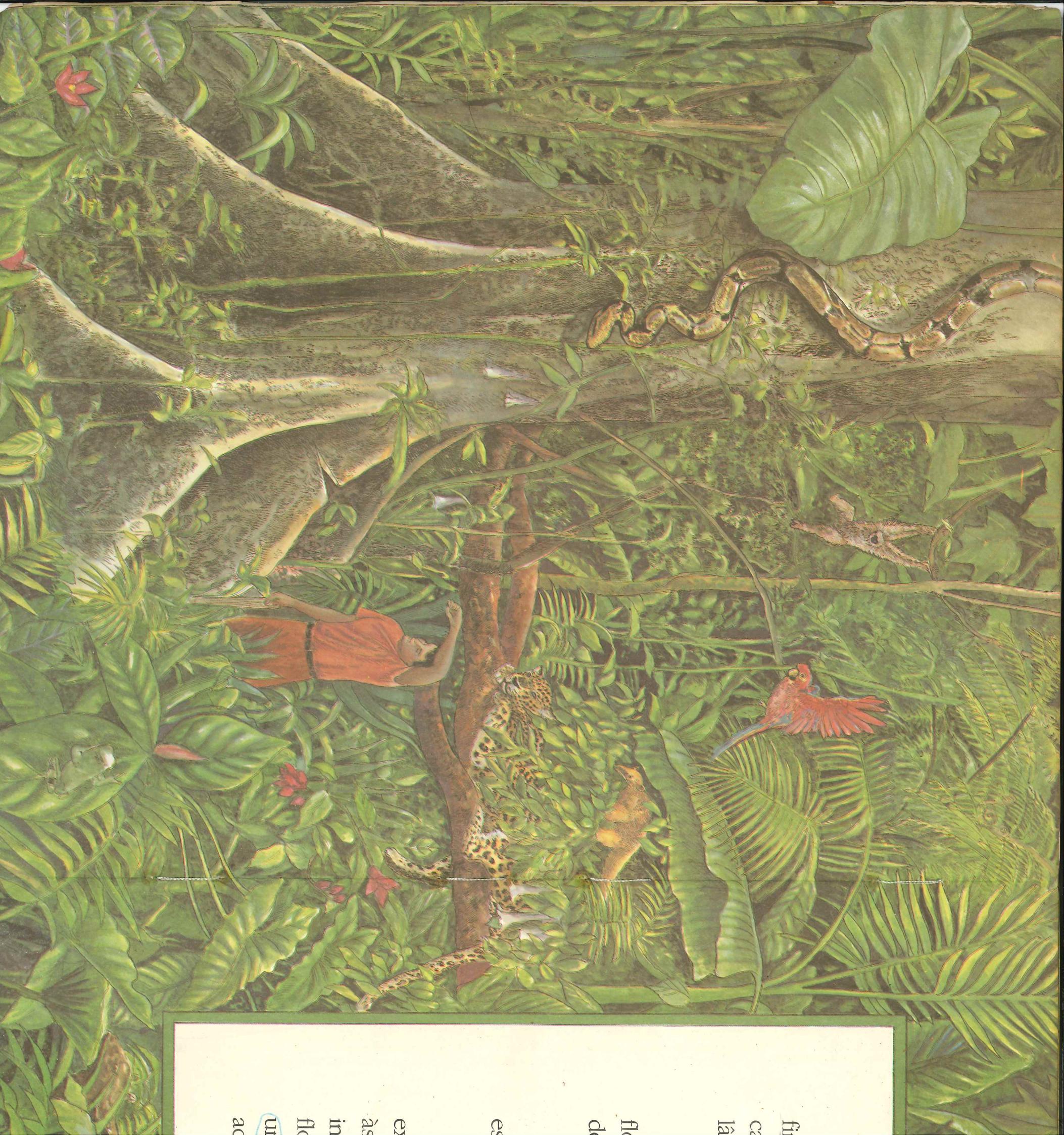




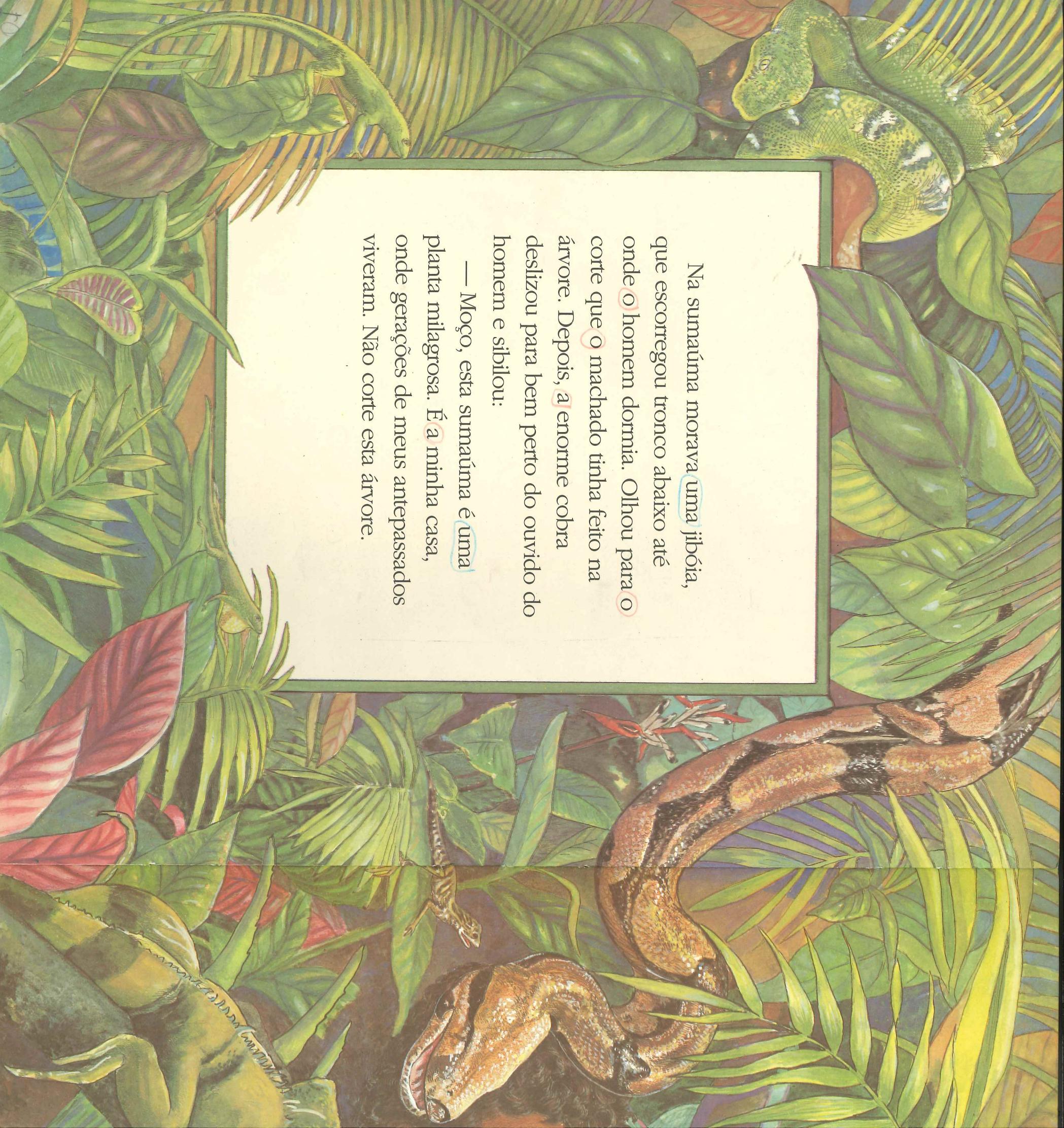
Dois homens vieram andando e entraram na floresta.

Momentos antes, a mata estava viva e barulhenta, com os sons das aves que piavam e dos macacos que guinchavam. Mas de repente tudo ficou quieto, enquanto os bichos olhavam os dois homens sem saber o que eles tinham vindo fazer por ali. O mais alto parou e apontou para uma árvore enorme — uma sumaúma.

Depois, foi embora.



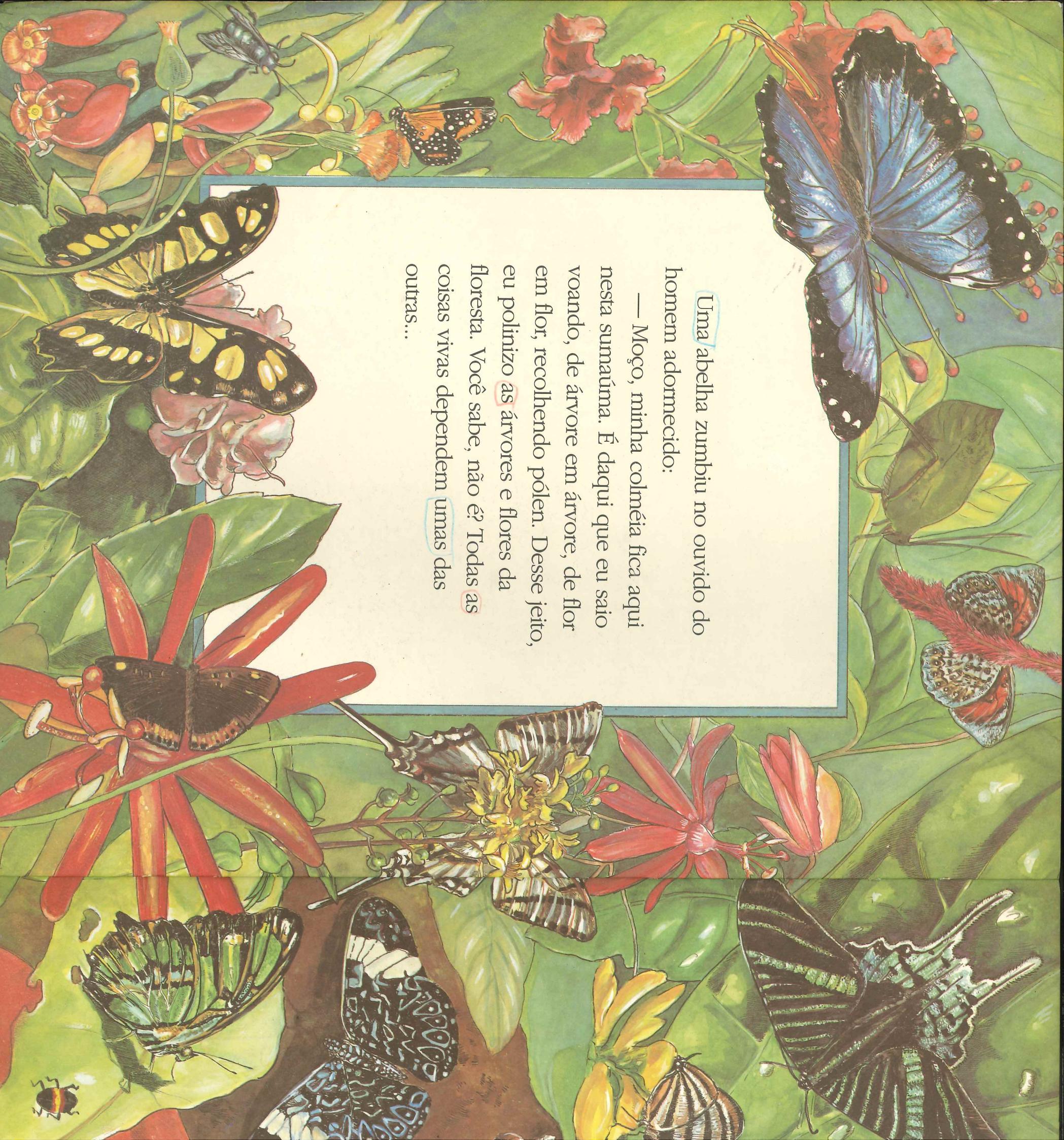
ex
às
in
fl
ur
ac



Na sumaúma morava uma jibóia,
que escorregou tronco abaixo até
onde o homem dormia. Olhou para o
corte que o machado tinha feito na
árvore. Depois, a enorme cobra
deslizou para bem perto do ouvido do
homem e sibilou:

— Moço, esta sumaúma é uma
planta milagrosa. É a minha casa,
onde gerações de meus antepassados
viveram. Não corte esta árvore.

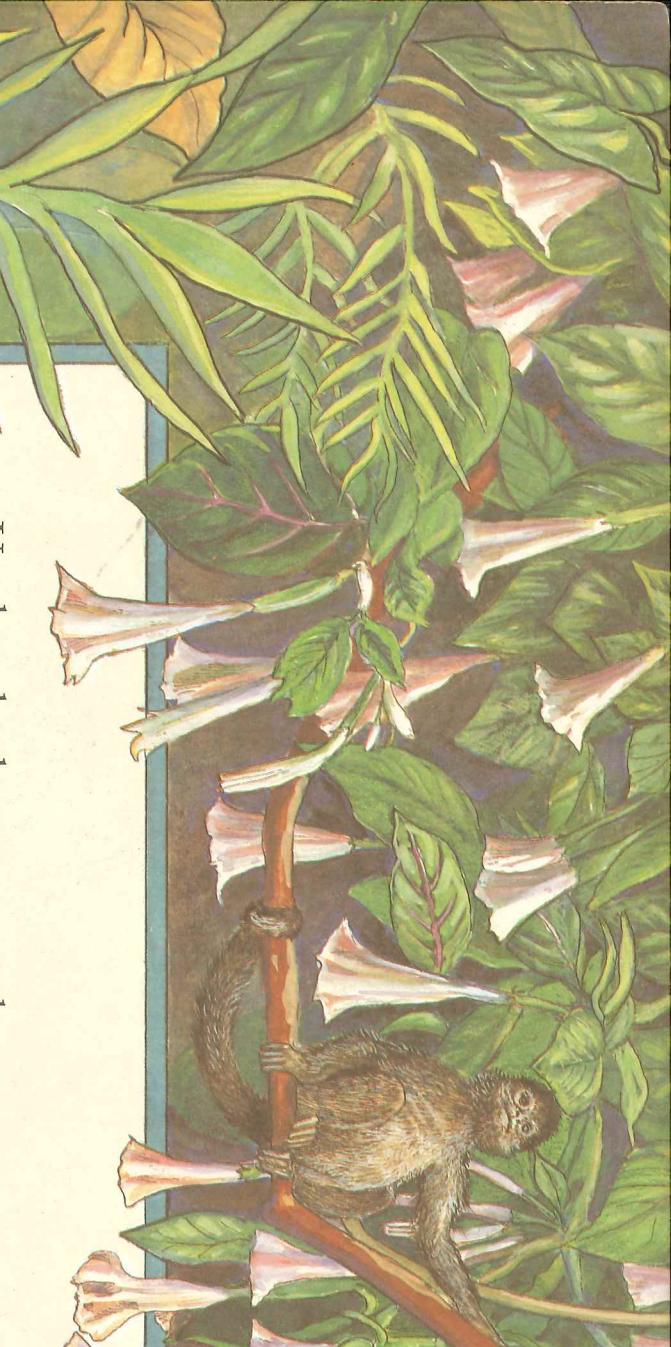




Uma abelha zumbiu no ouvido do homem adormecido:

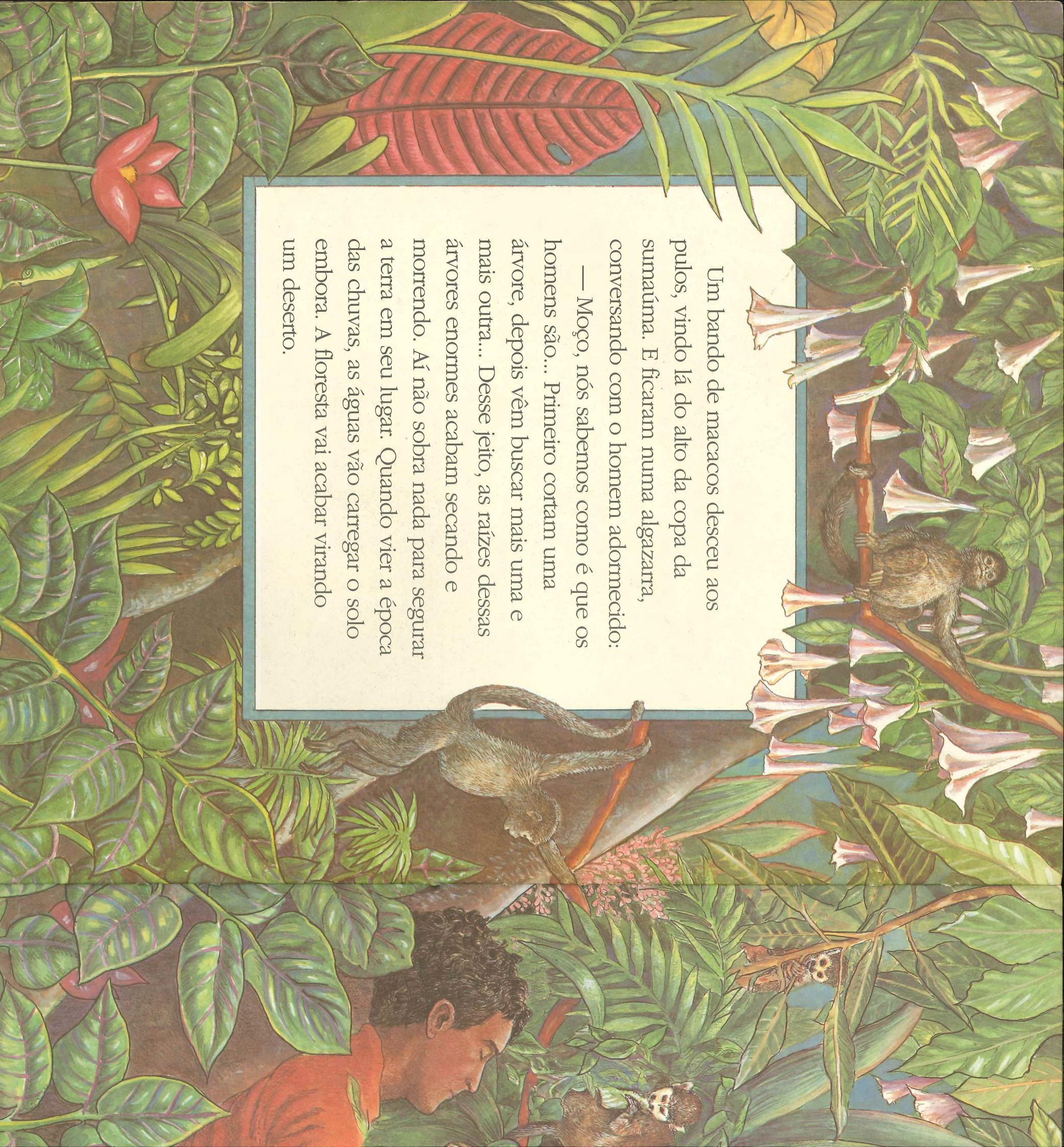
— Moço, minha colmeia fica aqui nesta sumaúma. É daqui que eu saio voando, de árvore em árvore, de flor em flor, recolhendo pólen. Desse jeito, eu polinizo as árvores e flores da floresta. Você sabe, não é? Todas as coisas vivas dependem umas das outras...



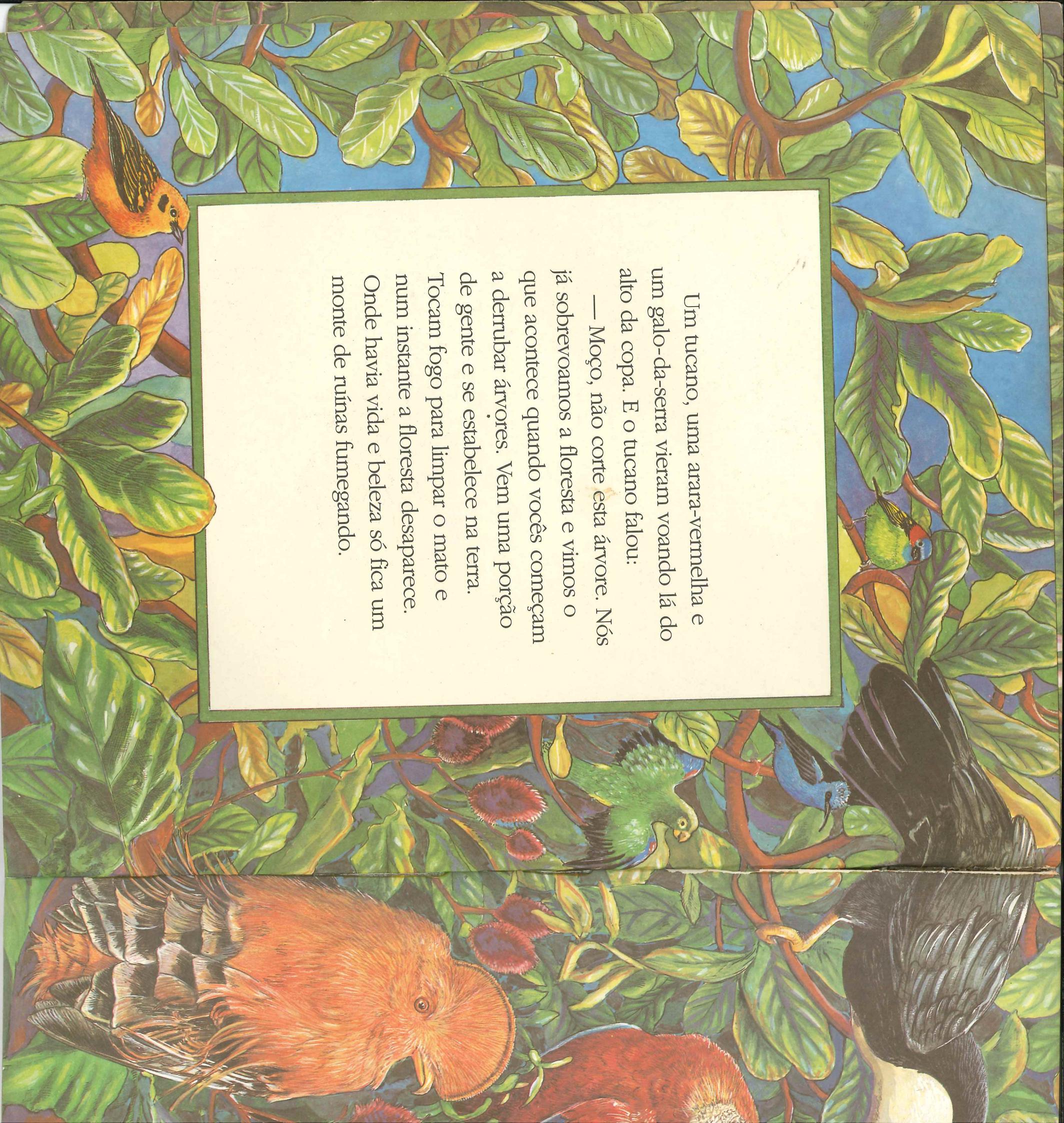


Um bando de macacos desceu aos pulos, vindo lá do alto da copa da sumaúma. E ficaram numa algazarra, conversando com o homem adormecido:

— Moço, nós sabemos como é que os homens são... Primeiro cortam uma árvore, depois vêm buscar mais uma e mais outra... Desse jeito, as raízes dessas árvores enormes acabam secando e morrendo. Aí não sobra nada para segurar a terra em seu lugar. Quando vier a época das chuvas, as águas vão carregar o solo embora. A floresta vai acabar virando um deserto.







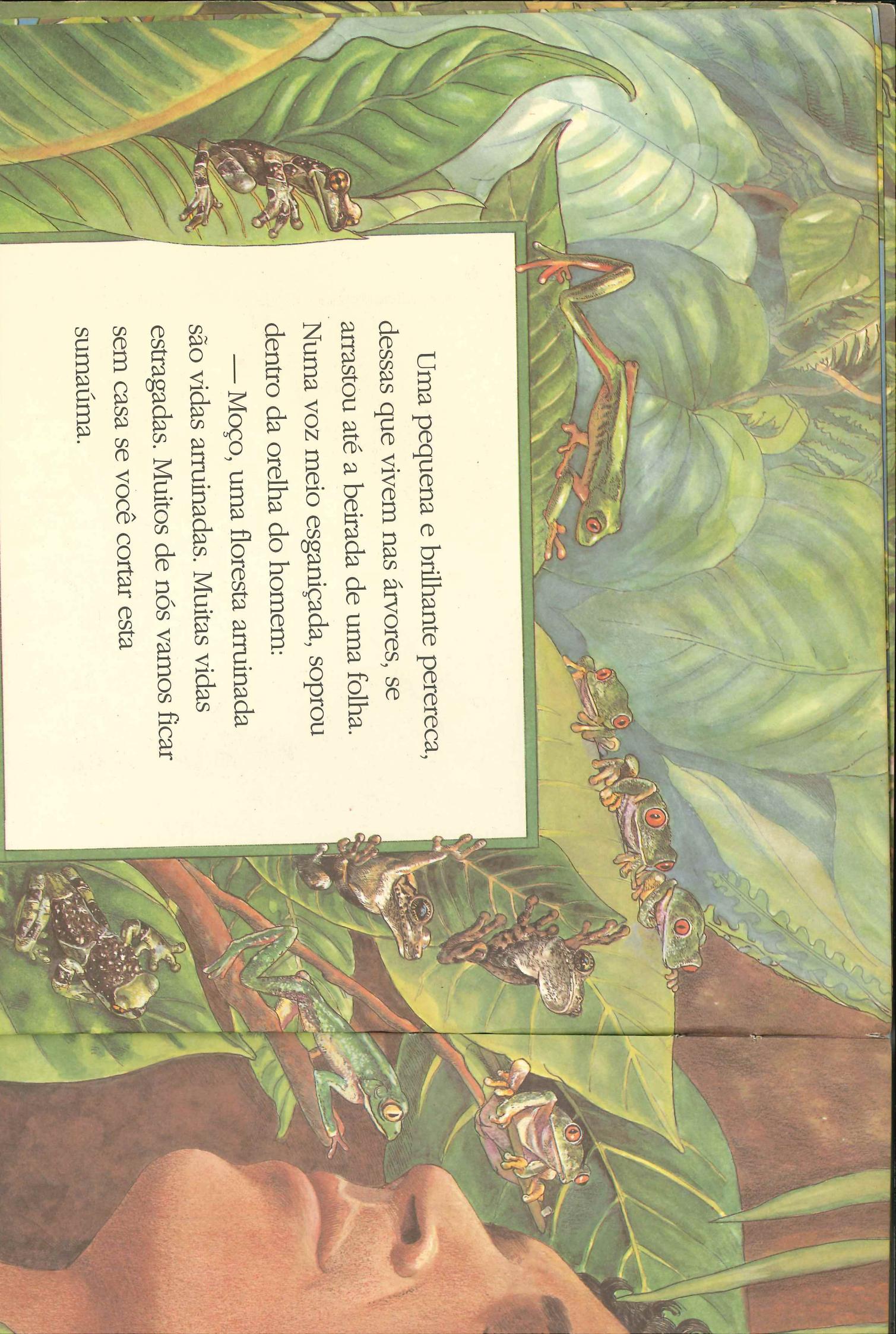
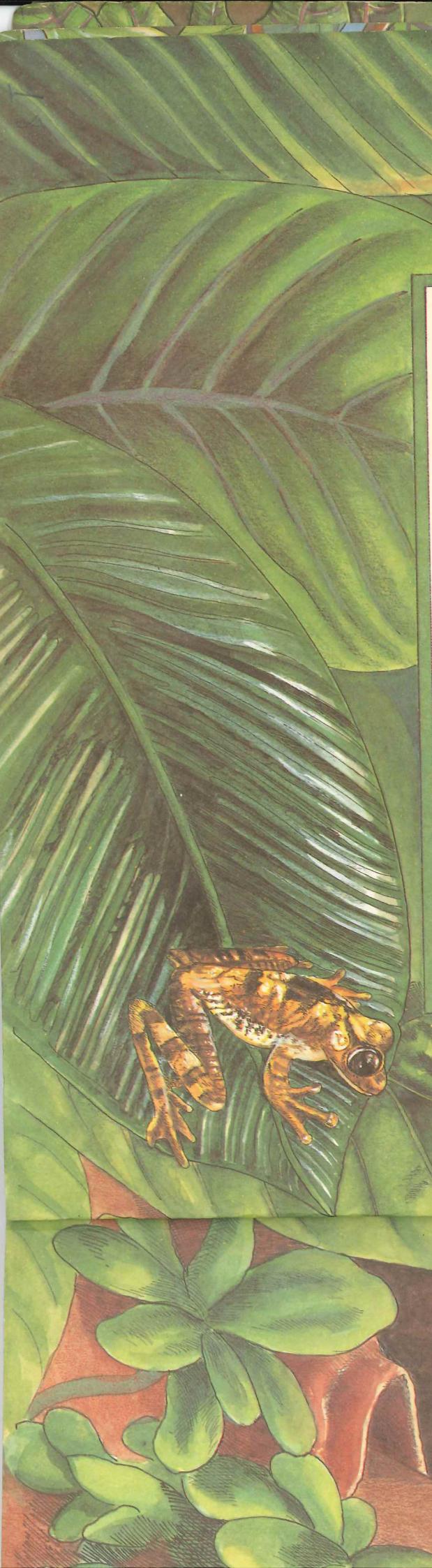
Um tucano, uma arara-vermelha e
um galo-da-serra vieram voando lá do
alto da copa. E o tucano falou:

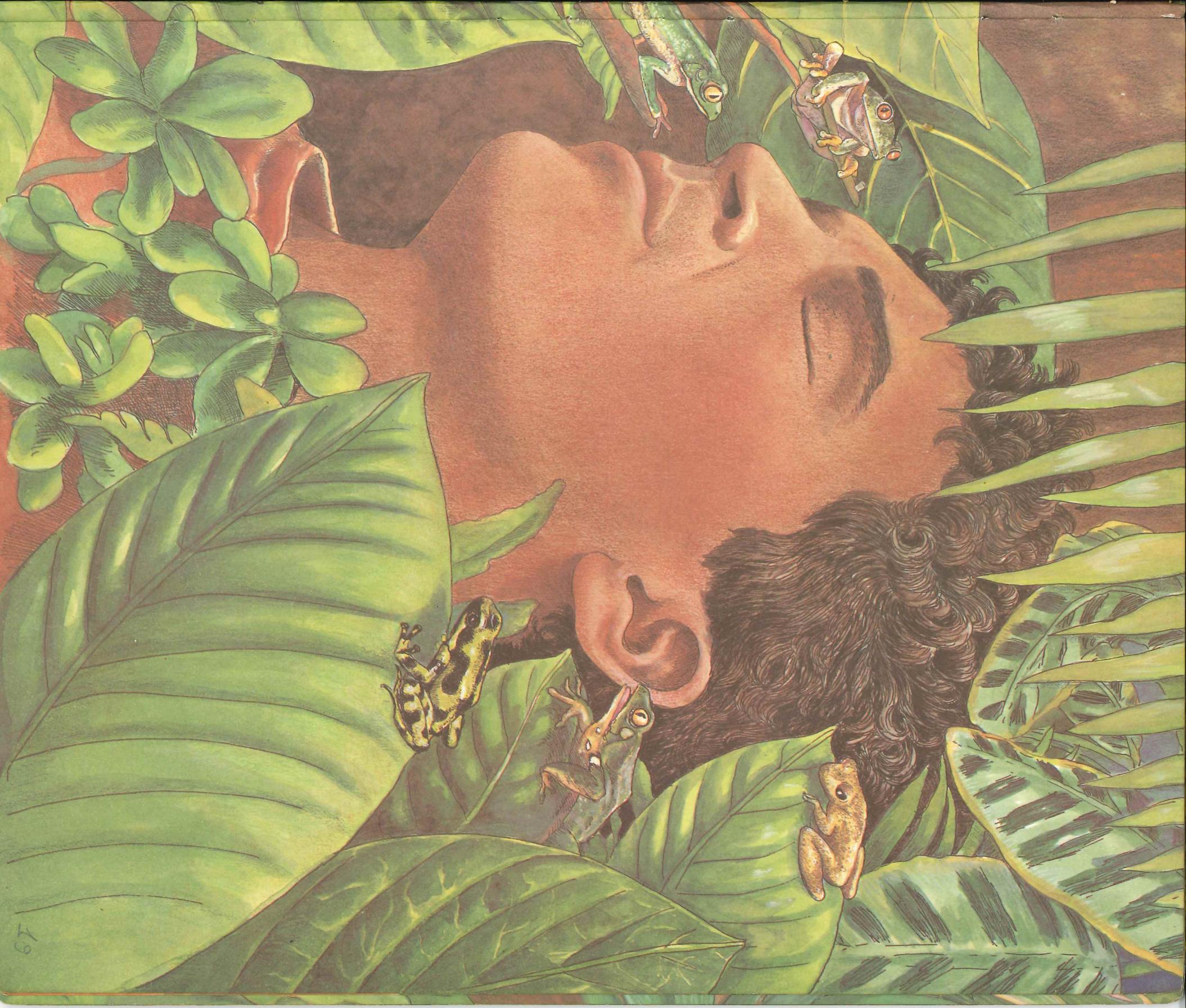
— Moço, não corte esta árvore. Nós
já sobrevoamos a floresta e vimos o
que acontece quando vocês começam
a derrubar árvores. Vem uma porção
de gente e se estabelece na terra.
Tocam fogo para limpar o mato e
num instante a floresta desaparece.
Onde havia vida e beleza só fica um
monte de ruínas fumegando.

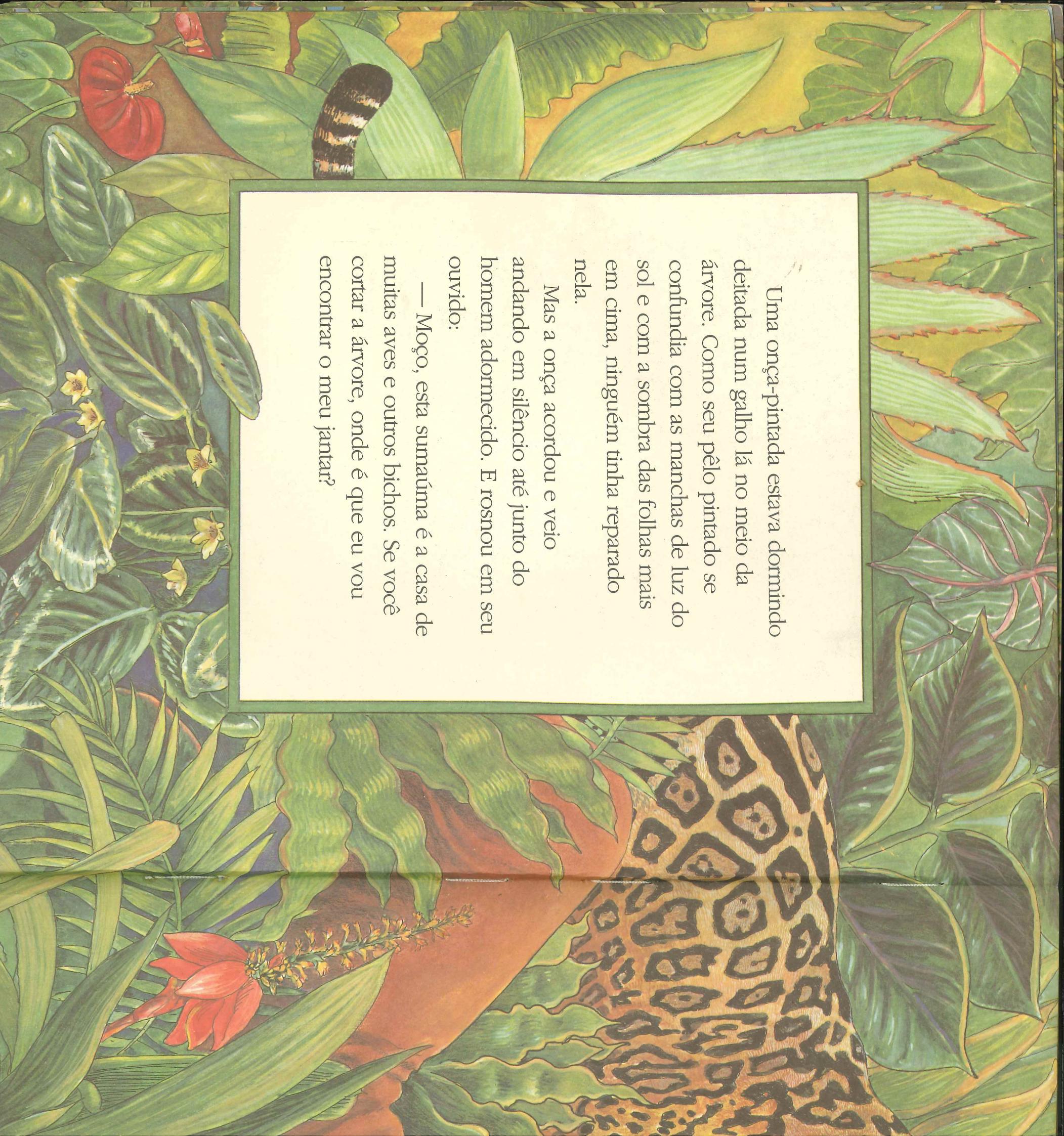




Uma pequena e brilhante perereca,
dessas que vivem nas árvores, se
arrastou até a beirada de uma folha.
Numa voz meio esgançada, soprou
dentro da orelha do homem:
— Moco, uma floresta arruinada
são vidas arruinadas. Muitas vidas
estragadas. Muitos de nós vamos ficar
sem casa se você cortar esta
sumaúma.





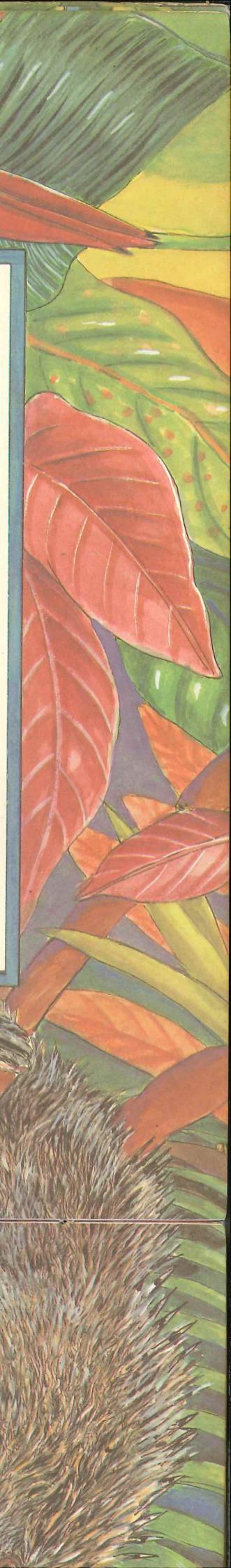


Uma onça-pintada estava dormindo deitada num galho lá no meio da árvore. Como seu pelo pintado se confundia com as manchas de luz do sol e com a sombra das folhas mais em cima, ninguém tinha reparado nela.

Mas a onça acordou e veio andando em silêncio até junto do homem adormecido. E rosnu em seu ouvido:

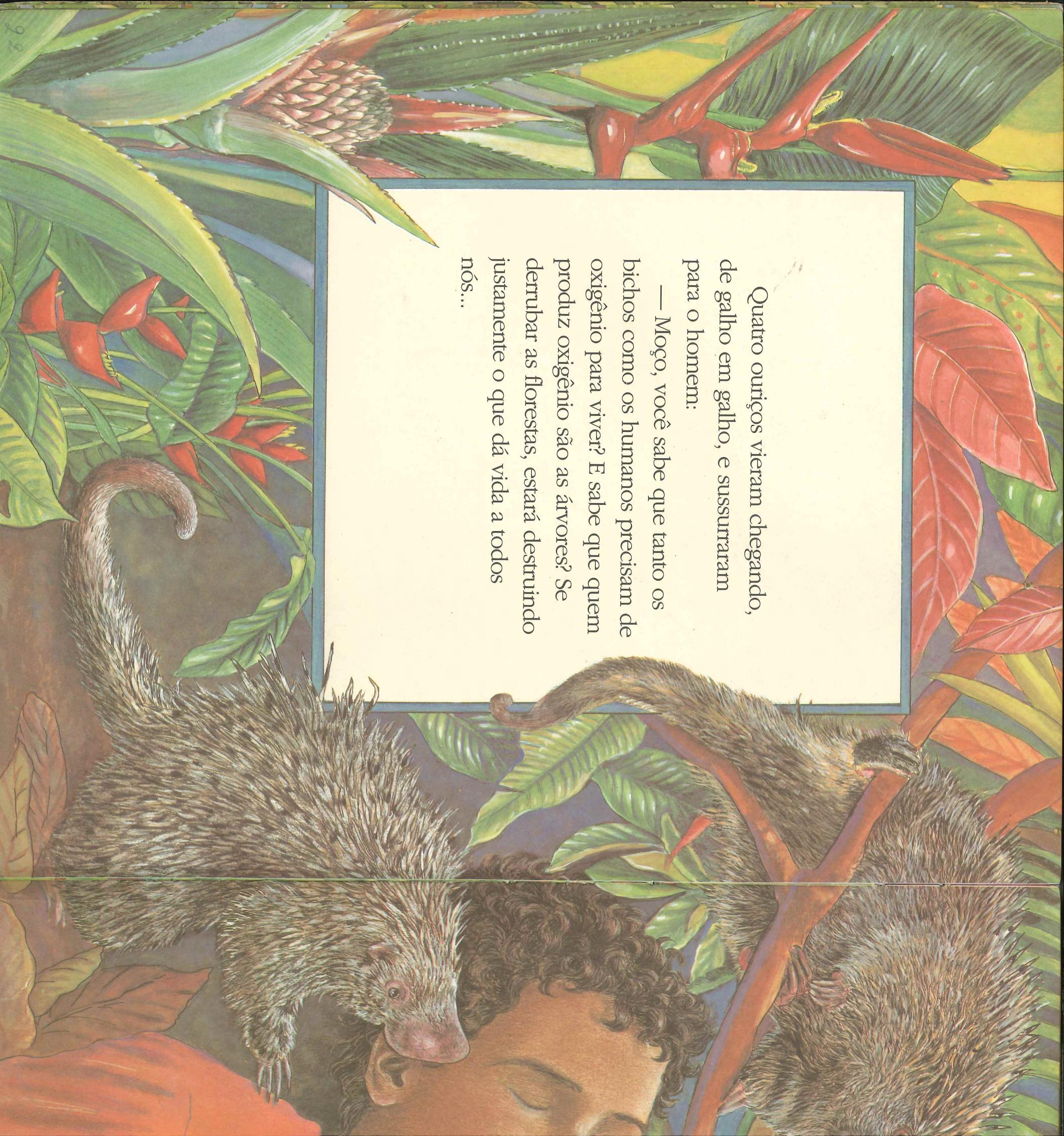
— Moço, esta sumaúma é a casa de muitas aves e outros bichos. Se você cortar a árvore, onde é que eu vou encontrar o meu jantar?



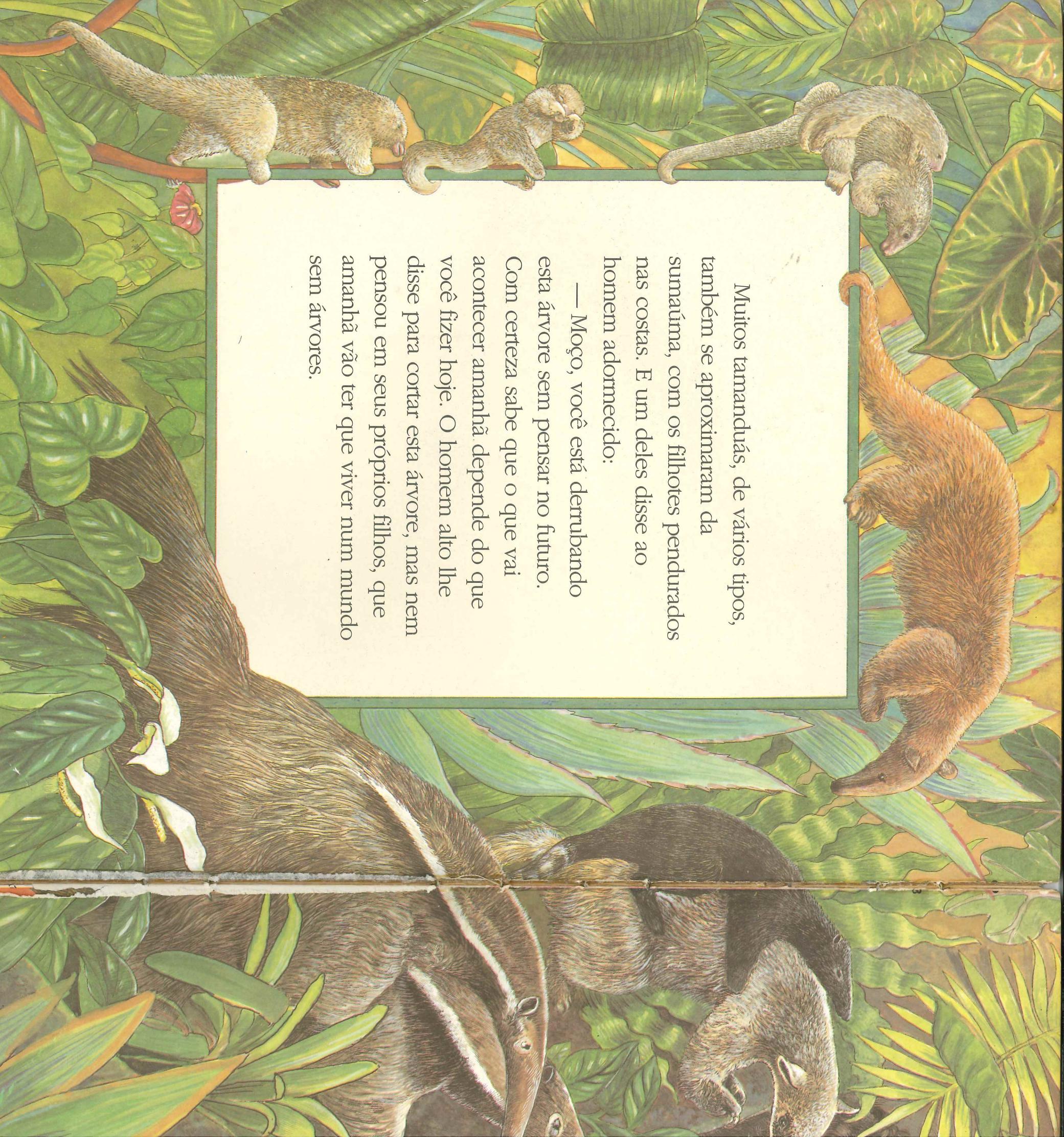


Quatro ouriços vieram chegando,
de galho em galho, e sussurraram
para o homem:

— Moço, você sabe que tanto os
bichos como os humanos precisam de
oxigênio para viver? E sabe que quem
produz oxigênio são as árvores? Se
derrubar as florestas, estará destruindo
justamente o que dá vida a todos
nós...

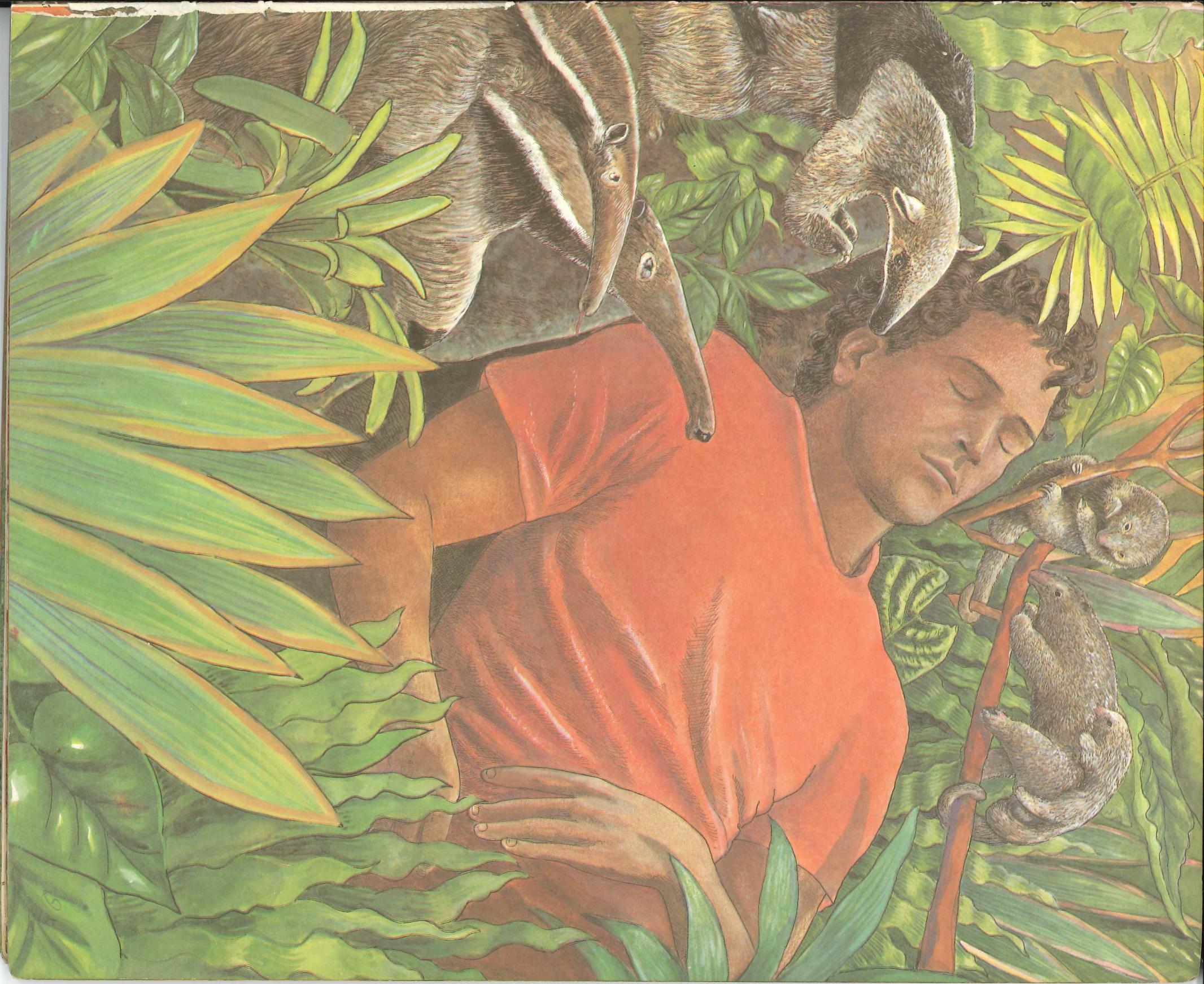


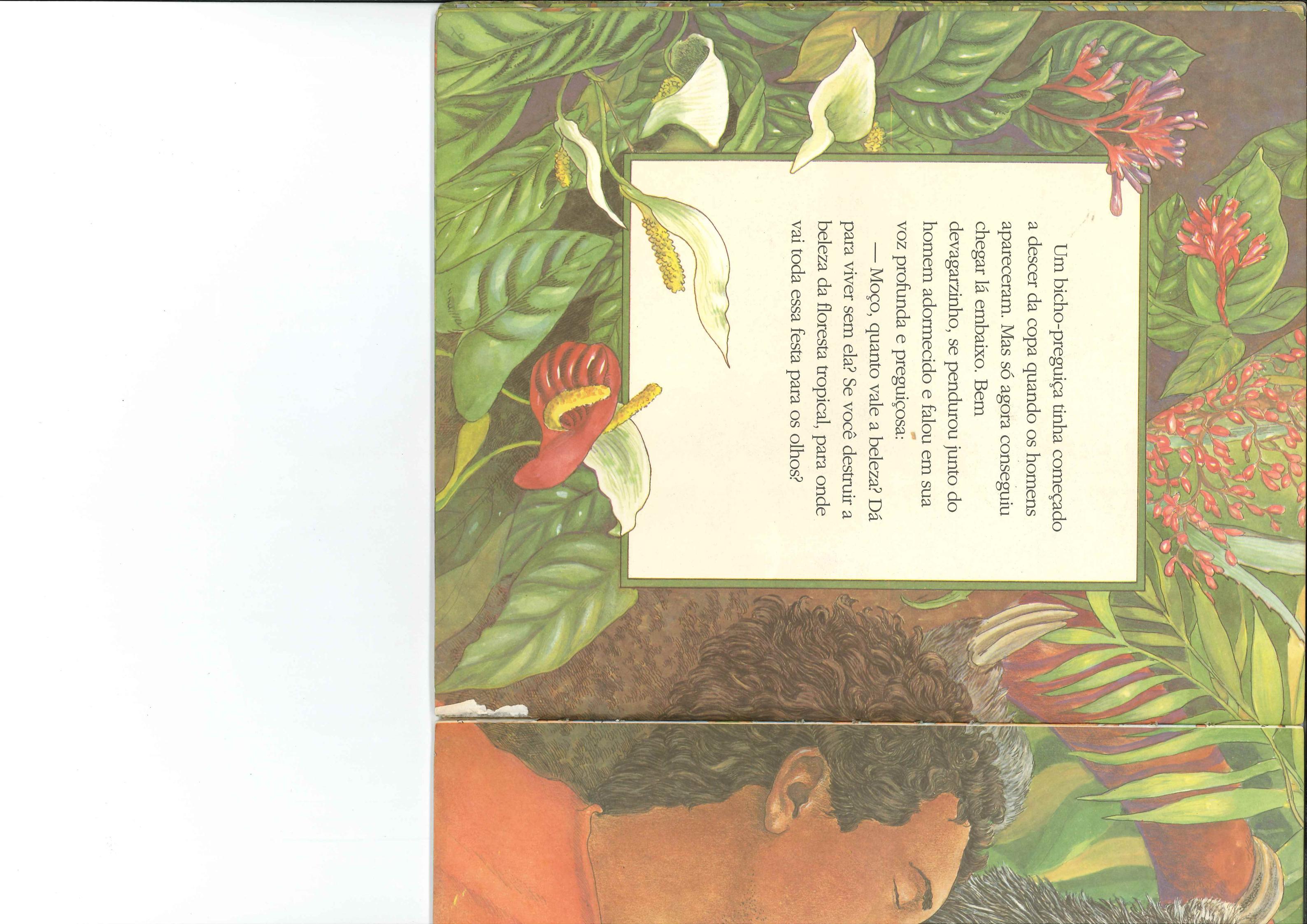




Muitos tamanduás, de vários tipos,
também se aproximaram da
sumáuma, com os filhotes pendurados
nas costas. E um deles disse ao
homem adormecido:

— Moço, você está derrubando
esta árvore sem pensar no futuro.
Com certeza sabe que o que vai
acontecer amanhã depende do que
você fizer hoje. O homem alto lhe
disse para cortar esta árvore, mas nem
pensou em seus próprios filhos, que
amanhã vão ter que viver num mundo
sem árvores.





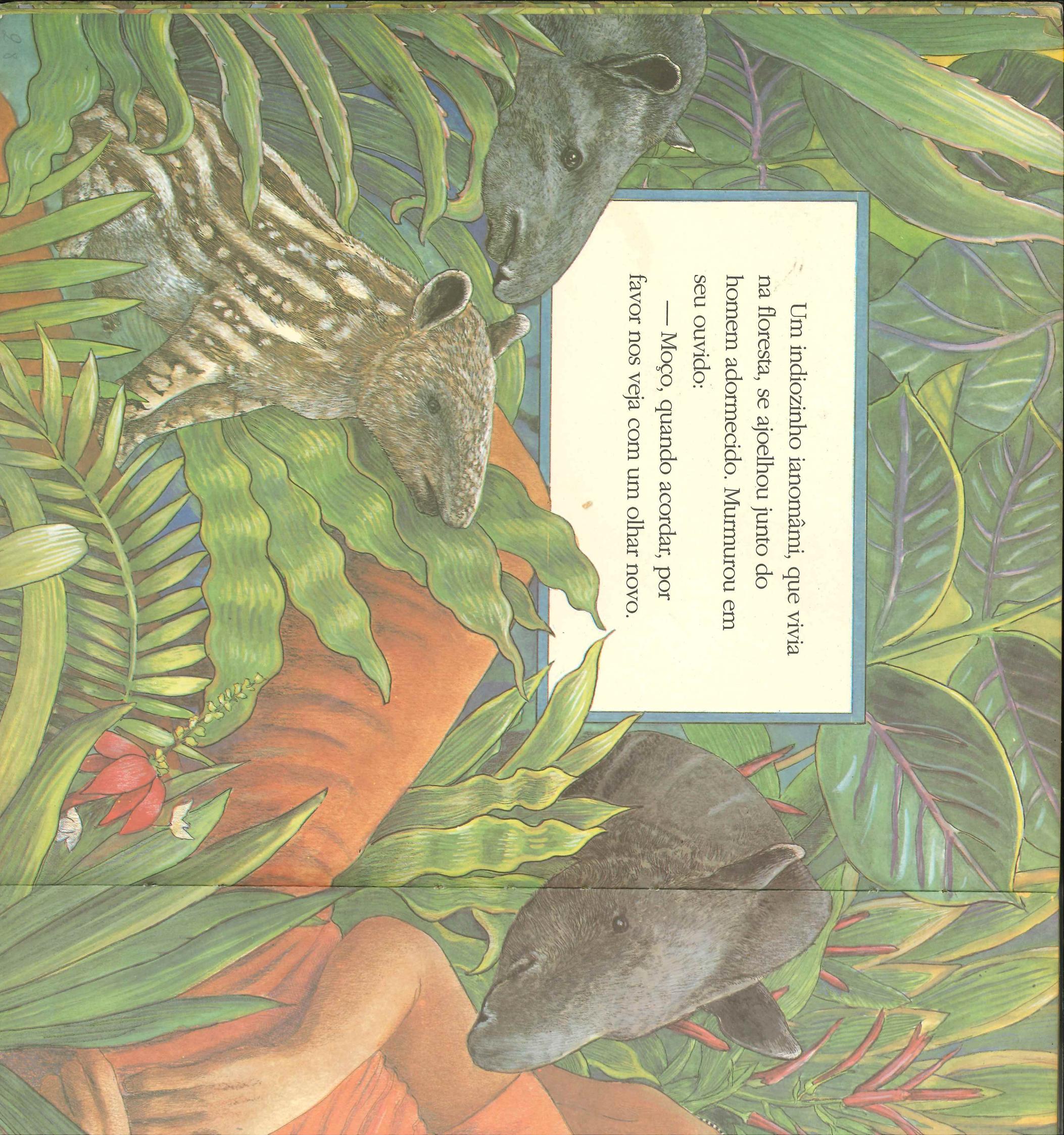
Um bicho-preguiça tinha começado
a descer da copa quando os homens
apareceram. Mas só agora conseguiu
chegar lá embaixo. Bem
devagarzinho, se pendurou junto do
homem adormecido e falou em sua
voz profunda e preguiçosa:

— Moco, quanto vale a beleza? Dá
para viver sem ela? Se você destruir a
beleza da floresta tropical, para onde
vai toda essa festa para os olhos?

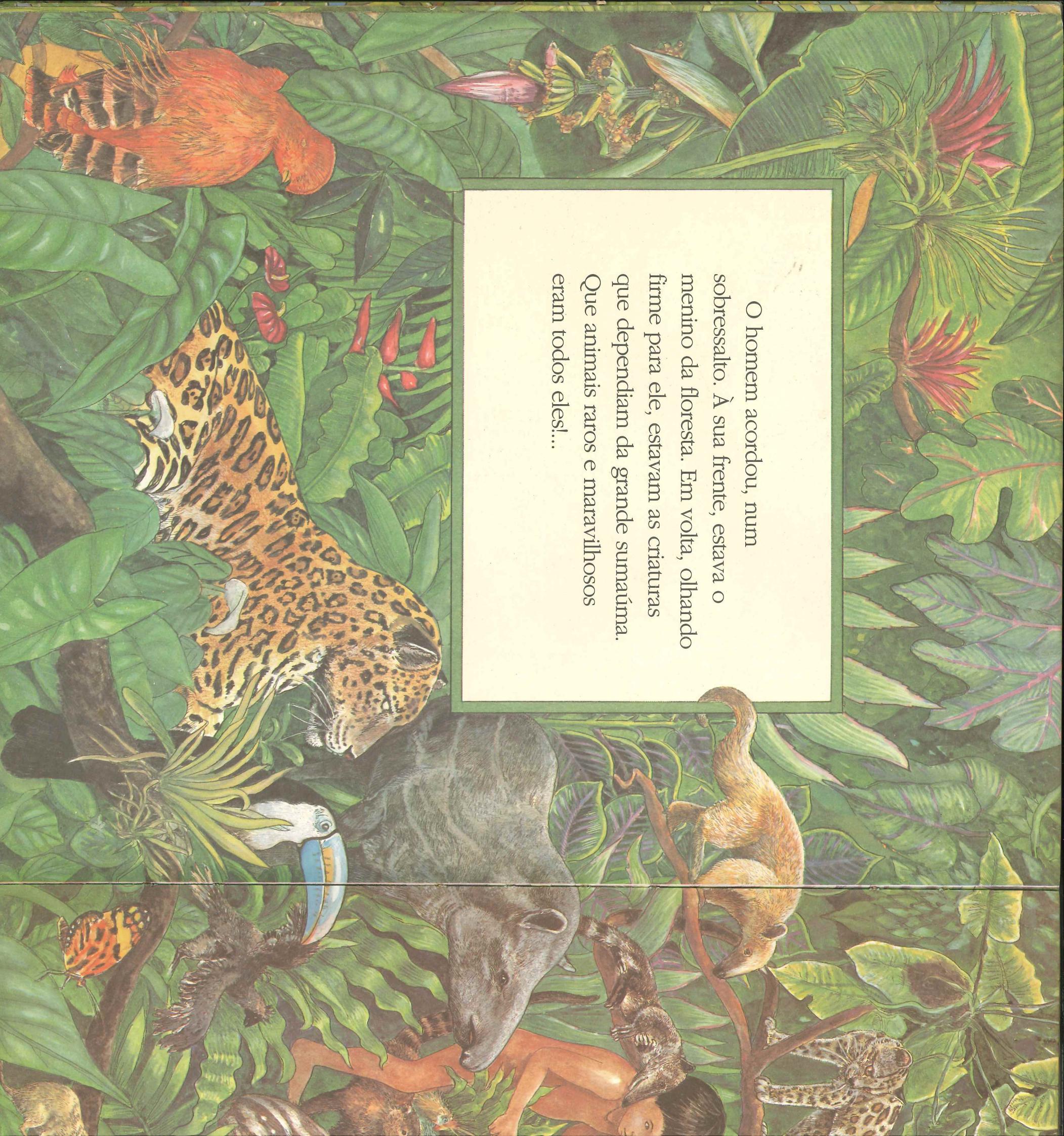


Um indiozinho ianomâmi, que vivia na floresta, se ajoelhou junto do homem adormecido. Murmou em seu ouvido:

— Moco, quando acordar, por favor nos veja com um olhar novo.

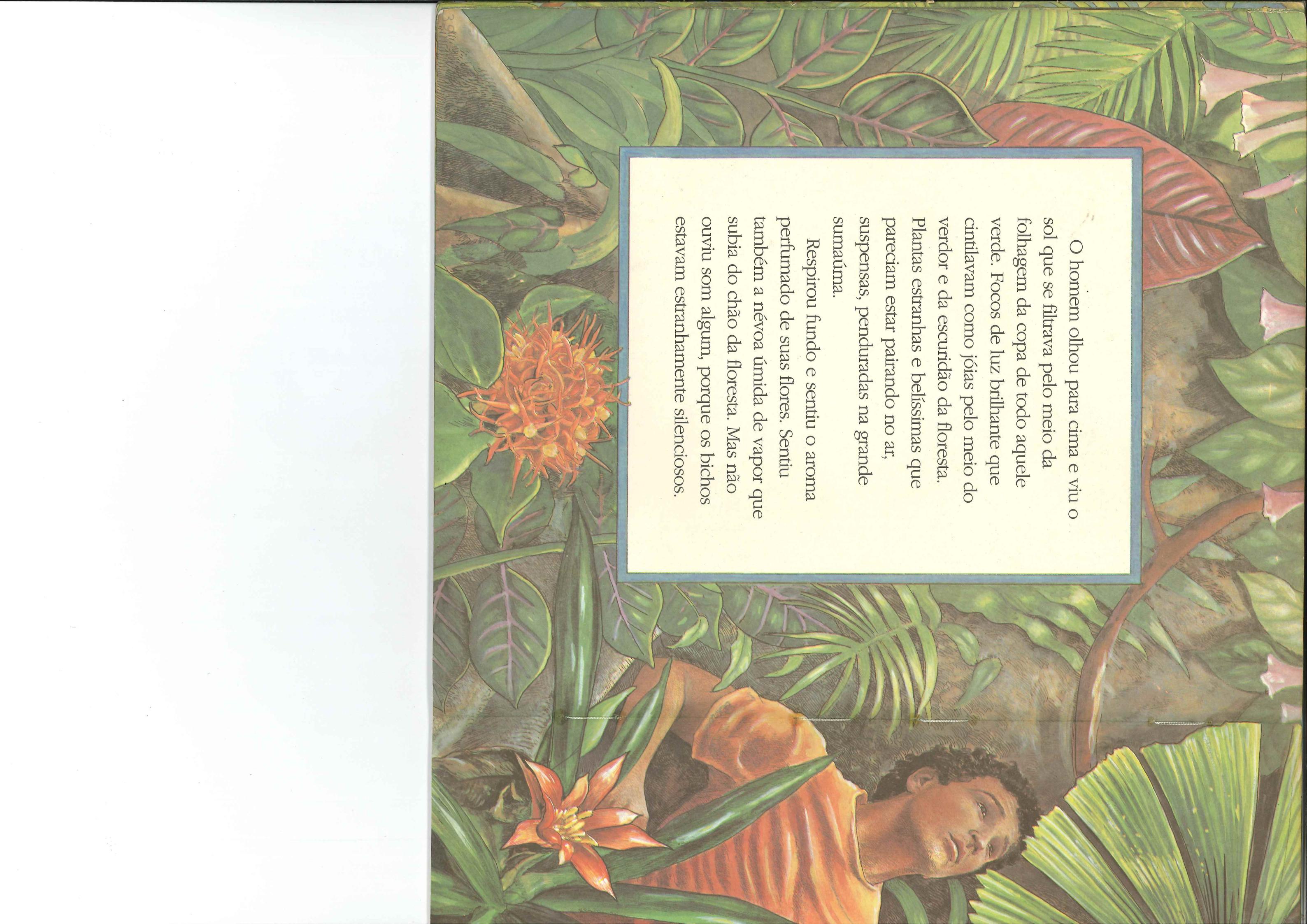






O homem acordou, num
sobressalto. À sua frente, estava o
menino da floresta. Em volta, olhando
firme para ele, estavam as criaturas
que dependiam da grande sumaúma.
Que animais raros e maravilhosos
eram todos eles!...

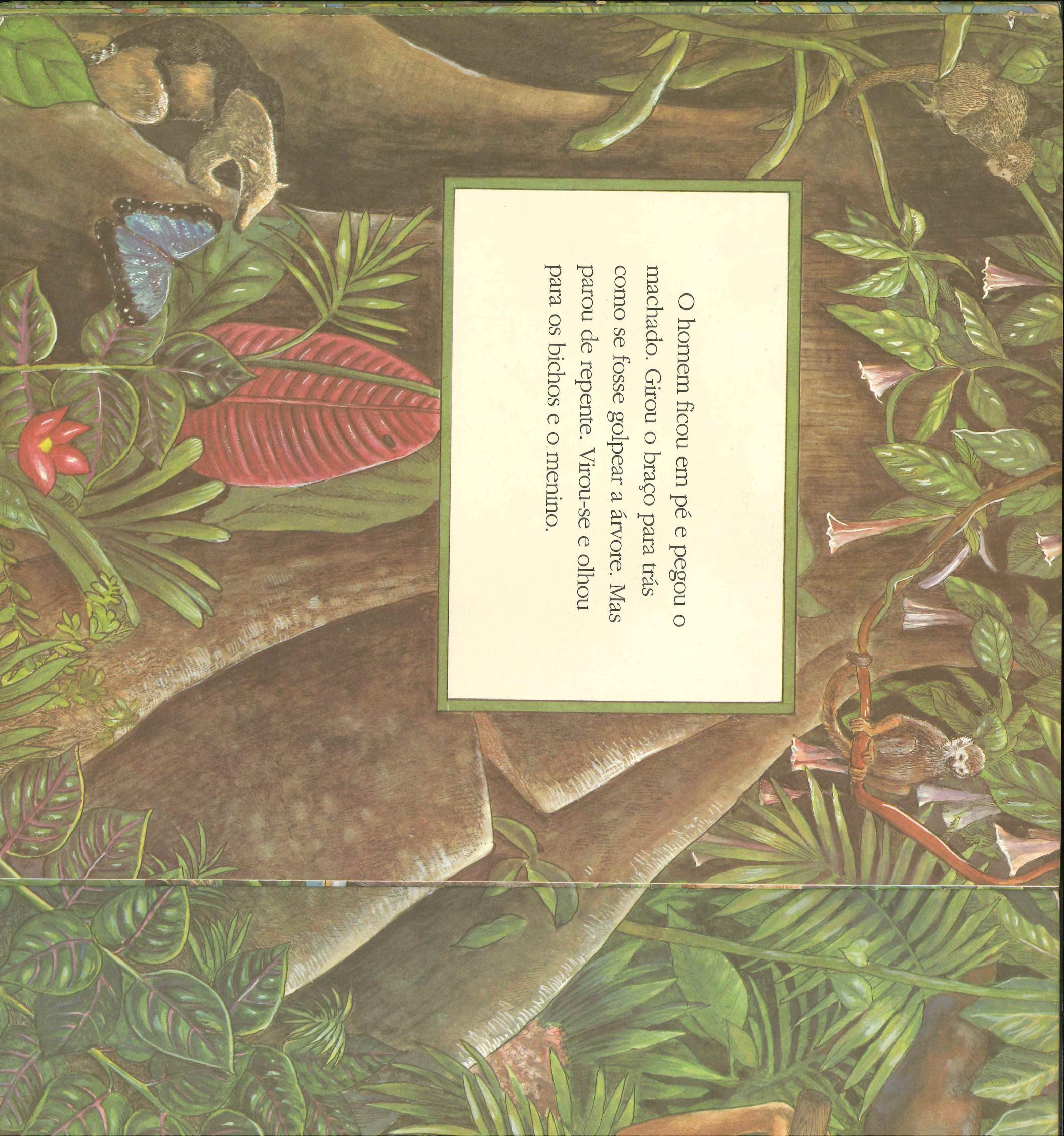




O homem olhou para cima e viu o sol que se filtrava pelo meio da folhagem da copa de todo aquele verde. Focos de luz brilhante que cintilavam como jóias pelo meio do verdor e da escuridão da floresta. Plantas estranhas e belíssimas que pareciam estar pairando no ar, suspensas, penduradas na grande sumaúma.

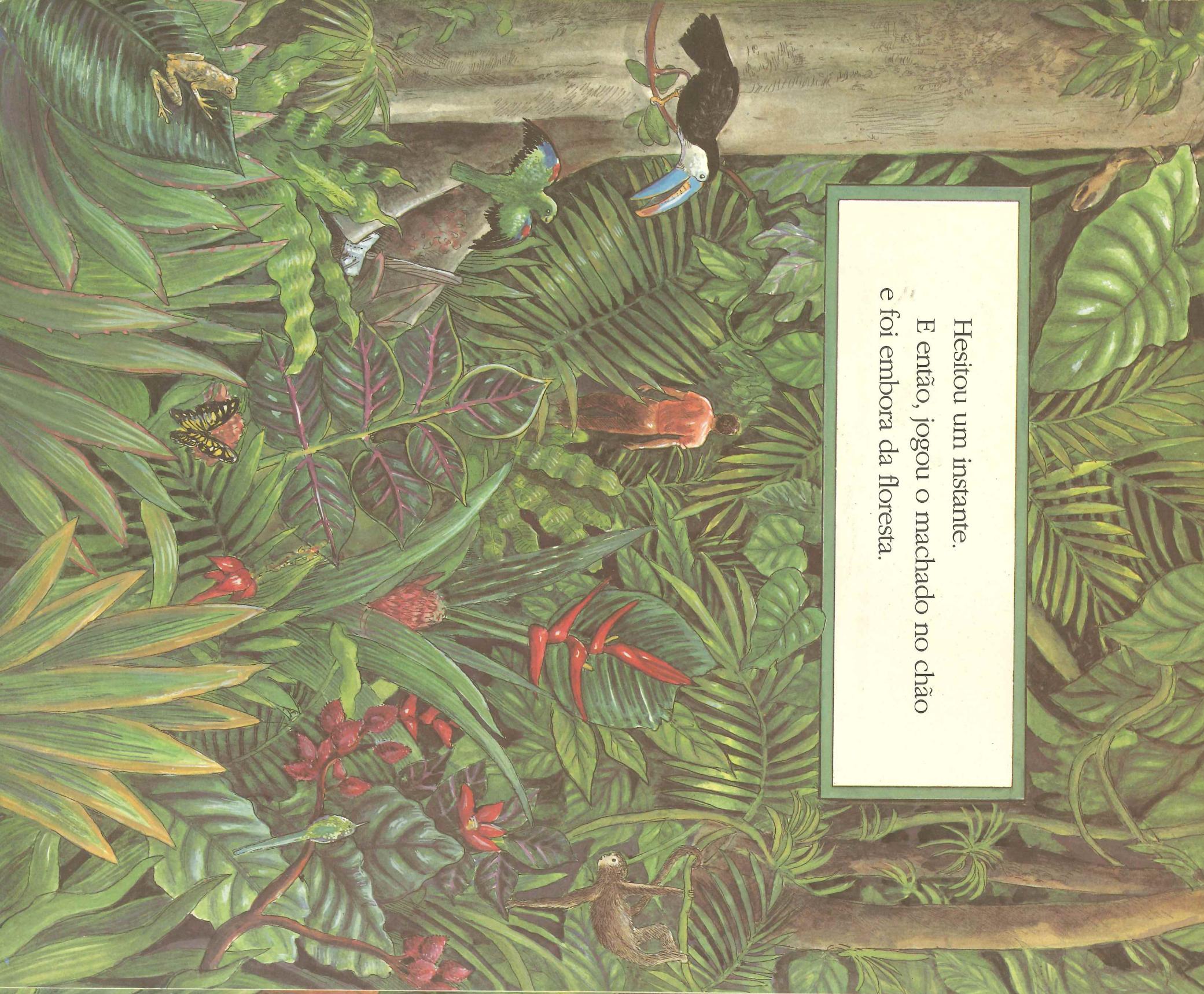
Respirou fundo e sentiu o aroma perfumado de suas flores. Sentiu também a névoa úmida de vapor que subia do chão da floresta. Mas não ouviu som algum, porque os bichos estavam estranhamente silenciosos.





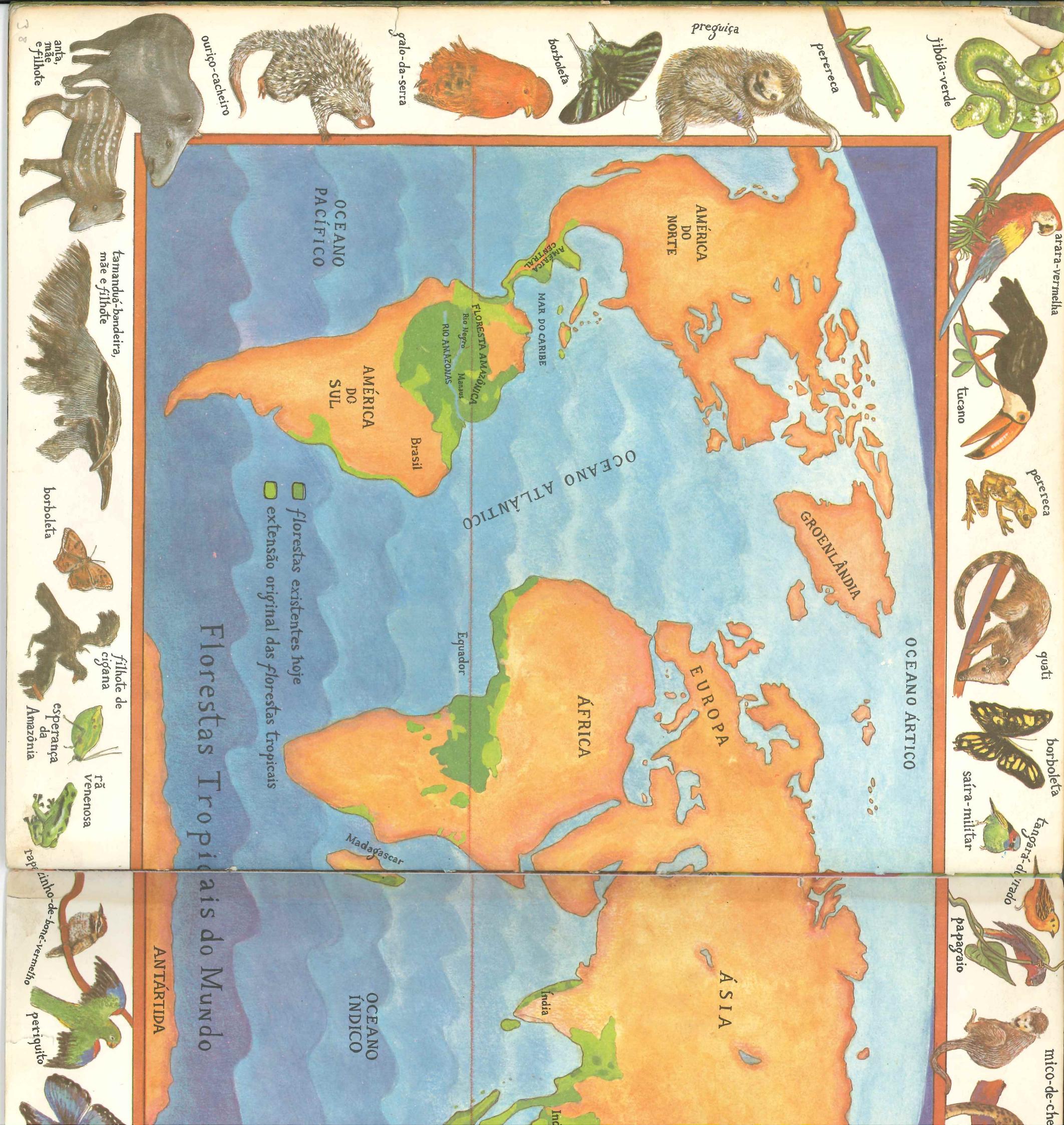
O homem ficou em pé e pegou o machado. Girou o braço para trás como se fosse golpear a árvore. Mas parou de repente. Virou-se e olhou para os bichos e o menino.





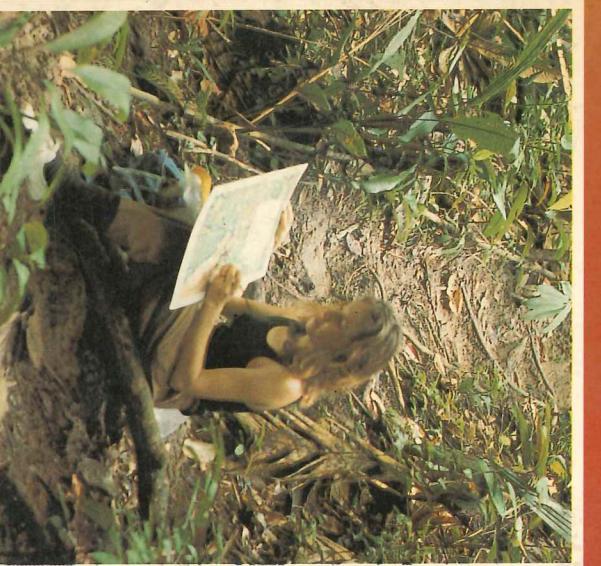
Hesitou um instante.

E então, jogou o machado no chão
e foi embora da floresta.





No verde denso da floresta amazônica, um homem está derrubando uma árvore enorme. Uma sumaúma, a planta que os índios chamam de mãe das árvores. Os animais



que vivem pelo meio das folhas e dos galhos o contemplam em silêncio. Mas, exausto e com calor, o homem se deixa um pouco, para descansar ao pé da árvore, e acaba dormindo. Então as criaturas da floresta vão surgindo, uma a uma, e sussurram em seu ouvido. Pedem

que não destrua sua casa e contam como cada árvore da floresta é importante. Um tamanduá lembra: "O que vai acontecer amanhã depende do que você fizer hoje". Finalmente, um menino ianomâmi implora: "Por favor, quando acordar, olhe para nós com novos olhos".

O homem acorda num sobressalto e olha em volta. Vê macacos, ouriços-cacheiros, perecias, abelhas, borboletas, tamanduás, aves de muitas cores, uma onça-pintada, uma preguiça. Todos se olham em silêncio, homem e bichos, e ele toma uma decisão. Com suas ilustrações exuberantes da floresta tropical, Lynne Cherry criou um conto mágico com uma mensagem preservacionista, que fala a adultos e crianças.

